

## Sonho de consumo da classe C durou pouco

(Karla Mendes)

Do Correio Braziliense

Assim como Adão e Eva foram expulsos do paraíso ao provar o fruto proibido, a classe C, que vivia momentos de bonança, tendo acesso a diversos bens e serviços nunca antes vislumbrados - como carro, casa própria, eletroeletrônicos de luxo e até viagem de avião -, graças à abundância de crédito, está sendo expulsa desse trono. O agravamento da crise financeira internacional quebrou bancos no mundo inteiro, diminuiu o dinheiro em circulação e transformou em sonho distante para milhões de brasileiros o cenário favorável de até pouquíssimo tempo atrás: juros baixos, suaves prestações, pagamento em parcelas a perder de vista e, muitas vezes, sem ter que desembolsar um centavo sequer como entrada. A fonte do crédito fácil secou.

Nas últimas semanas, houve aumento generalizado das taxas de juros, redução dos prazos de pagamento e mais rigor na análise dos cadastros. Com isso, as parcelas dos financiamentos ficaram bem mais salgadas. Quem levou a pior nessa história toda foi a classe C. Vivendo com o orçamento limitado, não dá para pagar mais do que o planejado anteriormente para financiar um automóvel, um apartamento ou uma televisão de 29 polegadas, por exemplo. Aí, o tão almejado sonho tem que ser adiado.

Aumento nas taxas de juros e redução de prazos são entraves

O bancário Wagner Siqueira, por exemplo, teve que postergar a realização do desejo pela casa própria. Ele planejava comprar um imóvel de R\$ 70 mil em prestações de R\$ 530, durante 300 meses, ou 25 anos. Mas ao constatar o aumento de, pelo menos, 2% nas taxas de juros anuais e a redução do número de parcelas, viu que o sonho não está mais ao seu alcance. "Até uns 10 dias atrás, era muito simples conseguir financiamento em 280, 300 meses. Esta semana, fiz simulações em vários bancos, mas o prazo máximo caiu para 150, 180 meses. A prestação subiu para quase R\$ 900. Vou ter que esperar", revela.

Âncora - Existem diferentes métodos de definição da classe C. Mas todos são unânimes em dizer que é a parcela da população que mais consome e que essa escalada ocorreu nos últimos anos devido ao acesso facilitado ao crédito, ao aumento do poder aquisitivo e número maior de trabalhadores com carteira assinada no país. "De 2004 para 2008, a classe C passou de 37% para 50% da população, ou 93,8 milhões de pessoas, não só pelo crédito, mas também pelo aumento de renda", ressalta Marcelo Neri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A classe média teve acesso não só ao crédito, mas também a outros Cs: casa, carro, computador, celular, além da carteira assinada. Ele classifica como classe C as famílias que ganham de R\$ 1.064 a R\$ 4.591.

O presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Sussumu Honda, acredita que os efeitos da turbulência ainda não chegaram às prateleiras. Mas ele acredita que quem pode perder um pouco com a restrição ao crédito são os hipermercados, que têm de 30% a 40% das vendas de eletroeletrônicos, vestuário e calçados lastreadas em crediário.